Entretextos

ENTRETEXTOS. Londrina, v. 26, esp.1, 2026.
ISSN 1519-5392 UEL
DOI: 10.5433/1519-5392.2026.v26.55029

Entrevista com Marcia Yoshiko Buto: plataforma Speak e a formação docente em foco

Interview with Marcia Yoshiko Buto: the Speak platform and teacher education in focus

Entrevista con Marcia Yoshiko Buto: la plataforma Speak y la formación docente en foco

Marcia Yoshiko Buto[1]
0009-0004-0253-2702
Paula Cristina Bullio[2]
0000-0002-7643-7423
Thaís Malagoli Braga[3]
0009-0008-5376-6292
Gabrielle Gilio[4]
0009-0004-0253-2702

BIOGRAFIA: Marcia Yoshiko Buto é Mestra em Linguística Aplicada e Especialista em Tecnologias, Formação de Professores e Sociedade e em Língua Inglesa. Atuou por 14 anos na Diretoria de Ensino da Região de Suzano - SP, no Núcleo Pedagógico, como Professora Especialista em Currículo (PEC), exercendo função de gestão pedagógica. Nesse contexto, realizou planejamento, acompanhamento e avaliação de políticas e projetos educacionais, entre eles o Centro de Estudo de Línguas (CEL), o Projeto Inglês nos Anos Iniciais "*Early Bird*", a *Plataforma SPeak*, o Programa Prontos Pro Mundo, entre outros.
PALAVRAS-CHAVE: Plataformização da Educação; *Plataforma SPeak*; Formação Docente; Ensino de Língua Inglesa.

BIOGRAPHY: Marcia Yoshiko Buto holds a master's degree in Applied Linguistics, she is a Specialist in Technologies, Teacher Education and Society, and in English Language. She

[1] Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: marciabutoformacaodeprof@gmail.com.
[2] Doutora em Linguística pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Pós-doutoranda na Universidade de São Paulo (USP), desenvolvendo pesquisa sobre educação linguística, globalização e decolonialidade. E-mail: paula.bullio@usp.br.
[3] Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). *Academic Specialist (Government Professional Development)* na Pearson (Londres, Reino Unido). E-mail: thais.malagoli.braga@usp.br.
[4] Mestranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Professora de Língua Inglesa na Faculdade SESI de Educação. E-mail: gabrielle.gilio@usp.br.

had worked for 14 years at the Suzano Regional Board of Education, in the Pedagogical Center, as a Curriculum Specialist Teacher (PEC), carrying out pedagogical management functions. In this context, she conducted the planning, monitoring, and evaluation of educational policies and projects, including the Language Study Center (CEL), the English in the Early Years Project “Early Bird”, the *SPeak Platform*, and the “Prontos Pro Mundo” Program, among others.
KEYWORDS: Platformization of Education; *Plataform SPeak*; Teacher Education; English Language Teaching.

BIOGRAFÍA: Marcia Yoshiko Buto es magíster en Lingüística Aplicada y especialista en Tecnologías, Formación de Profesores y Sociedad y en Lengua Inglesa. Se desempeñó durante 14 años en la Dirección de Enseñanza de la Región de Suzano, en el Núcleo Pedagógico, como Profesora Especialista en Currículo (PEC), ejerciendo funciones de gestión pedagógica. En este contexto, realizó la planificación, el seguimiento y la evaluación de políticas y proyectos educativos, entre ellos el Centro de Estudio de Lenguas (CEL), el Proyecto Inglés en los Años Iniciales “Early Bird”, la *Plataforma SPeak* y el Programa Prontos Pro Mundo, entre otros.
PALABRAS-CLAVE: Plataformización de la Educación; *Plataform SPeak*; Formación Docente; Enseñanza de la Lengua Inglesa.

Figura 1 - foto do entrevistado.



Fonte: Marcia Yoshiko Buto (2026)[5]

Introdução

A incorporação de plataformas digitais na educação básica estadual paulista se intensificou desde o ano de 2020 quando, em resposta ao contexto pandêmico, ocorreu no estado de São Paulo a implementação do Centro de Mídias (CMSP), ambiente digital regulamentado pelo Decreto nº 64.982, de 15 de maio de 2020 (São

[5] Créditos da imagem: imagem cedida por Marcia Yoshiko Buto.

Licença CC BY 4.0

Paulo, 2020a). Tal implementação foi um ponto de virada na organização do ensino. A implementação das plataformas digitais no contexto da reorganização das atividades escolares mediada pelo CMSP desencadeou uma série de debates acerca das implicações dessas tecnologias para o trabalho na autonomia docente, nos processos de aprendizagem dos estudantes e na própria definição do que o currículo prioriza.

Parte importante dessas discussões tem evidenciado que a plataformização não pode ser compreendida apenas como inovação técnica, mas como processo que reorganiza tempos, práticas, expectativas e formas de controle no cotidiano escolar. Nessa direção, pesquisas do Grupo Escola Pública e Democracia (Gepud) evidenciaram tensões importantes no que diz respeito à autonomia docente, aos processos de aprendizagem dos estudantes, a cobrança dos professores e estudantes por metas e às relações - por vezes conflitivas - com o que está proposto pelos currículos oficiais (Gepud, 2024, 2025).

Essas problemáticas, que têm chamado a atenção de professores e pesquisadores no Brasil, são aprofundadas por pesquisas como as de Duboc e Gilio (2025), que retomam documentos e decretos para debater a implementação do CMSP, apresentam a estrutura das atividades propostas pela *plataforma SPeak* para o ensino da língua inglesa e evidenciam desafios relacionados à atuação dos estudantes nessa plataforma, apontando para possíveis retrocessos a métodos de ensino mais tradicionais, ainda que mediados por tecnologias digitais.

Outra discussão igualmente necessária é a do espaço para o letramento digital crítico (Ferraz, 2012; Ribeiro, 2021; Azzari, 2024) na educação básica a partir da constante atuação dos estudantes em ambientes digitais que, como retoma Azzari (2024), são tecnologias que devem ser compreendidas não apenas como ferramentas, mas como práticas sociais que exigem posicionamento crítico por parte dos sujeitos.

É nesse cenário que se insere a presente investigação. Para responder ao nossos objetivos, convidamos uma professora experiente de Língua Inglesa da rede estadual de São Paulo, que atua diretamente na formação de professores e foi responsável por coordenar formações voltadas ao atendimento das diretrizes

Licença CC BY 4.0

emitidas pela Secretaria da Educação (SEDUC) no que diz respeito à implementação e ao uso da *plataforma SPeak.* Apresentamos, assim, a entrevistada: a professora Marcia Yoshiko Buto.

Perguntas: *plataforma SPeak* e a formação docente em foco

1 - Bullio; Braga; Gilio: Você atua há muitos anos na rede estadual e tem uma trajetória consolidada como Professora Especialista em Currículo. Conte-nos um pouco sobre a sua atuação profissional ao longo desse percurso e como você define seu papel na implementação de plataformas digitais como a *SPeak*. Além disso, como se dá, na prática, a articulação entre Secretaria da Educação, instâncias regionais e professores nesse processo?

Marcia Y. Buto: Atuo há quase 32 anos no magistério e, à época do convite para esta entrevista, minha atuação era como Professora Especialista em Currículo – Desenvolvimento Curricular de Linguagens (PEC DC LGG) e como PEC, minha função consistia na mediação entre as diretrizes da SEDUC, as demandas da URE (Unidade Regional de Ensino) e as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas. No caso da implementação de plataformas digitais como a *SPeak*, esse papel assumia um caráter ainda mais estratégico. Isso porque envolvia não apenas a disseminação de orientações institucionais, mas também o acompanhamento de como esses recursos eram apropriados pelos professores em suas práticas, especialmente por meio de formações, orientações técnicas e visitas às escolas. Na prática, a implementação ocorre em um fluxo institucional que parte da SEDUC, responsável pela definição da política educacional e pela adoção da plataforma. As URE atuam como instâncias intermediárias, traduzindo essas orientações em ações formativas e acompanhamento pedagógico junto às escolas. Nesse processo, os PEC desenvolvem formações, realizam visitas e estabelecem uma escuta próxima dos docentes, buscando compreender suas dificuldades e necessidades no uso da plataforma.

Licença CC BY 4.0

2 - Bullio; Braga; Gilio: Como você analisa a implementação da *plataforma SPeak* na rede estadual e o papel atribuído a esse recurso digital no trabalho com o currículo de Língua Inglesa? Em medida essa proposta dialoga com ou tensiona a concepção de língua e as competências previstas no Currículo Paulista (2020) e na BNCC (2018)? Você percebe tensões entre o currículo oficial e o currículo que passa a ser operacionalizado pela plataforma?

Marcia Y. Buto: A introdução da plataforma foi apresentada como uma estratégia de fortalecimento do ensino de Língua Inglesa na rede estadual, especialmente no que diz respeito à ampliação da exposição dos estudantes à língua. A proposta institucional destacava o potencial de desenvolvimento da oralidade, da escuta e da prática autônoma, inclusive, fora do tempo regular de aula. A plataforma também foi apresentada como uma ferramenta capaz de apoiar o trabalho com habilidades previstas no Currículo Paulista (São Paulo, 2020b) e na BNCC (Brasil, 2018), sobretudo no campo da compreensão e da produção oral, áreas que tradicionalmente encontram limitações no contexto escolar, seja pelo número de estudantes por turma, seja pela carga horária reduzida. Em relação à concepção de língua, o Currículo Paulista de Língua Inglesa (2020), está vinculado às práticas sociais de linguagem e ao desenvolvimento de letramentos. A língua é compreendida como um recurso de interação, de construção de sentidos e de participação em diferentes contextos culturais e comunicativos, o que dialoga com os princípios da BNCC (2018), que enfatizam o uso significativo da língua, as práticas de multiletramentos e o desenvolvimento de competências linguísticas, cognitivas e socioemocionais. A *plataforma SPeak* apresenta elementos que dialogam com essa concepção, sobretudo quando promove atividades de escuta, repetição, interação oral e contato com diferentes registros da língua. Entretanto, também existem limites. As plataformas digitais tendem a operar com sequências de atividades mais estruturadas e padronizadas, enquanto o currículo pressupõe práticas mais contextualizadas, que envolvem negociação de sentidos, interação social e produção significativa de linguagem. Nesse ponto, a mediação do professor torna-se essencial para que a plataforma seja integrada de forma crítica e pedagógica ao trabalho em sala de aula. Assim, é possível perceber tensões entre o

Licença CC BY 4.0

currículo oficial e o currículo que passa a ser operacionalizado pela plataforma. Quando passa a orientar excessivamente o planejamento pedagógico, há o risco de redução da complexidade das práticas de linguagem previstas no currículo. Por outro lado, quando utilizada de forma crítica e mediada pelo professor, pode funcionar como um recurso complementar dentro de uma proposta pedagógica mais ampla.

3 - Bullio; Braga; Gilio: De que maneira as plataformas digitais podem contribuir ou limitar o desenvolvimento de práticas de multiletramentos e multimodalidade no ensino de Língua Inglesa, como proposto pela BNCC (2018), especialmente no que diz respeito à promoção de experiências linguísticas relevantes e significativas?

Marcia Y. Buto: As plataformas digitais possuem potencial significativo para ampliar o acesso a diferentes modos de linguagem, como áudio, imagem, vídeo e interação oral mediada por tecnologia. Esse aspecto pode favorecer experiências multimodais importantes para o ensino contemporâneo de línguas. No entanto, essa ampliação depende do desenho pedagógico da plataforma e da forma como ela é incorporada ao trabalho docente. Quando as atividades se limitam a exercícios estruturados de repetição ou reconhecimento, o potencial de multiletramentos pode ser reduzido.

4 - Bullio; Braga; Gilio: A partir da sua experiência de acompanhamento de aulas na rede estadual, como você analisa os impactos do uso da plataforma na prática docente, especialmente no que se refere à autonomia dos professores e às possibilidades de ir além do que a ferramenta propõe?

Marcia Y. Buto: Em muitos casos, os professores conseguem, ir além do que a plataforma propõe. Professores da rede pública demonstram grande capacidade de adaptação e criatividade pedagógica, e a plataforma costuma ser utilizada como um recurso adicional dentro de um conjunto mais amplo de estratégias didáticas. Há experiências muito ricas nesse sentido, em que o professor se apropria da ferramenta de forma crítica e a integra ao seu planejamento. A plataforma, atualmente, está articulada a indicadores de acompanhamento e resultados

Licença CC BY 4.0

educacionais, o que amplia sua centralidade no contexto escolar. Nesse cenário, observa-se que seu uso tende a ser fortemente incentivado pelas equipes gestoras, podendo ser percebido como prioritário no cotidiano pedagógico. Tal configuração pode influenciar a dinâmica de planejamento docente, especialmente quando a ferramenta assume papel de destaque na organização das aulas. Em alguns casos, isso pode reduzir o espaço para experimentação pedagógica e tensionar a autonomia do professor na escolha de estratégias didáticas. Além disso, essa lógica também repercute nas práticas dos estudantes, que passam a se orientar, em maior medida, pelas atividades mediadas pela plataforma.

5 - Bullio; Braga; Gilio: Como você interpreta o uso, por parte dos estudantes, de *scripts* ou mecanismos externos, como ferramentas automatizadas, para responder às atividades da plataforma? Em que medida esse comportamento se relaciona a questões de engajamento, aos limites da proposta pedagógica da plataforma ou a desafios mais amplos de letramento digital crítico?

Marcia Y. Buto: Esse fenômeno revela diferentes dimensões da relação dos estudantes com as tecnologias digitais. Por um lado, evidencia habilidades técnicas e uma grande familiaridade com os ambientes digitais. Por outro, aponta para desafios importantes relacionados ao engajamento dos estudantes e ao sentido que atribuem às atividades propostas. Em muitos casos, os estudantes recorrem a ferramentas externas, como *scripts*, por exemplo, *Doritus* e *Taskitos*, ou até mesmo compartilham acessos entre si, muitas vezes sem compreender as implicações dessas ações. Nesse contexto, torna-se fundamental o trabalho com o letramento digital crítico no ambiente escolar. A função do professor, nesse caso, não é apontar o erro, mas ajudar o estudante a compreender o que está fazendo e quais são as possíveis consequências dessas práticas, desenvolvendo uma consciência crítica sobre o uso das tecnologias digitais. O letramento digital crítico deve ser compreendido como uma dimensão essencial do trabalho pedagógico, que ultrapassa o ensino da língua inglesa e se articula com a formação dos estudantes para uma participação mais ética e consciente em qualquer ambiente digital.

Licença CC BY 4.0

6 - Bullio; Braga; Gilio: Como você avalia a formação continuada oferecida aos professores para o uso da plataforma na rede estadual e de que forma as condições concretas das escolas, especialmente em termos de infraestrutura e conectividade, impactam a implementação curricular mediada por tecnologias digitais?

Marcia Y. Buto: As formações continuadas para o uso da plataforma costumam ocorrer em diferentes níveis. A SEDUC oferece orientações gerais e formações iniciais, enquanto as URE desenvolvem encontros formativos, orientações pedagógicas e acompanhamentos mais próximos junto às escolas. Há uma preocupação crescente em ampliar o debate pedagógico, buscando refletir sobre como essas ferramentas podem ser integradas de forma crítica às práticas de ensino. Nesse processo, a atuação do PEC envolve não apenas a transmissão de orientações, mas também a adaptação dessas diretrizes às realidades locais. Por isso, além da instrução técnica, é fundamental investir em propostas formativas mais práticas, que envolvam atividades "mão na massa" e permitam que o professor vivencie o uso da ferramenta em contextos pedagógicos reais. Ao mesmo tempo, é preciso considerar que as condições de infraestrutura representam um desafio significativo: muitas escolas enfrentam limitações de conectividade, número reduzido de equipamentos e dificuldades de acesso por parte dos estudantes, especialmente fora do ambiente escolar.

7 - Bullio; Braga; Gilio: Para concluirmos, como você entende a plataformização do ensino de línguas: como avanço, como reconfiguração das práticas, como campo de disputa ou como risco de empobrecimento curricular? Além disso, que conselho você daria a pesquisadores que estão investigando a plataformização do ensino de línguas?

Marcia Y. Buto: Como professora de Língua Inglesa e, diante de tudo o que discutimos, entendo a plataformização como um processo bastante complexo, que envolve avanços, reconfigurações pedagógicas e disputas em torno do currículo. As plataformas podem ampliar as oportunidades de contato com a língua e diversificar as formas de aprendizagem dos estudantes. Entretanto, também levantam questões

Licença CC BY 4.0

importantes relacionadas à padronização das práticas pedagógicas, à autonomia docente e à forma como os conhecimentos linguísticos são organizados e distribuídos nesses ambientes digitais. É necessário considerar diferentes dimensões desse fenômeno, como as políticas públicas, o desenho pedagógico das plataformas, as práticas docentes e as experiências dos estudantes.

Conclusão

Como conclusão, verifica-se que a incorporação de plataformas digitais ultrapassa uma simples mudança tecnológica. Ela configura uma transformação nas práticas pedagógicas, nos processos de ensino e aprendizagem e na própria autonomia docente, suscitando reflexões sobre padronização curricular, controle do trabalho do professor e redução das possibilidades de construção de práticas contextualizadas e críticas. Nesse cenário, torna-se fundamental que a integração das tecnologias digitais seja acompanhada por uma perspectiva pedagógica que valorize a agência dos professores, a diversidade dos contextos escolares e uma educação linguística comprometida com a formação crítica e cidadã dos estudantes.

Referências

AZZARI, Eliane Fernandes. Educação e IA generativa: perspectivas e desafios. *In*: LOPES, Andreza *et al*. (org.). *Inteligência artificial na educação básica*: conceitos, prática e ética. Campinas: Editora Splendet, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 28 mar. 2026.

DUBOC, Ana Paula Martinez; GILIO, Gabrielle. Pode o subalterno SPeak? Notas decoloniais sobre a plataformização das aulas de inglês da rede estadual paulista. *Ilha do Desterro*, vol. 78, n. 1, p. 1-23, nov. 2025. DOI: 10.5007/2175-8026.2025.e106951.

FERRAZ, D. *Educação de língua inglesa e novos letramentos*: espaços de mudanças por meio dos ensinos técnicos e tecnológicos. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Licença CC BY 4.0

GEPUD - GRUPO ESCOLA PÚBLICA E DEMOCRACIA. *Nota técnica*: plataformização e controle do trabalho escolar na rede estadual paulista. São Paulo: GEPUD, jul. 2025. Disponível em: https://www.gepud.com.br/pdf/NT_Plataformas.pdf. Acesso em: 28 mar. 2026.

GEPUD - GRUPO ESCOLA PÚBLICA E DEMOCRACIA. *Plataformização da Educação de São Paulo*: morte da escola pública? Editorial. São Paulo: GEPUD, mar. 2024. Disponível em: https://www.gepud.com.br/manifestacoes.html2025. Acesso em: 28 mar. 2026.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Multimodalidade, textos e tecnologias*: provocações para a sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

SÃO PAULO. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Decreto nº 64.982, de 15 de maio de 2020. Dispõe sobre a instituição do Programa Centro de Mídias da Educação de São Paulo. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, São Paulo, 2020a. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2020/decreto-64982-15.05.2020.html. Acesso em: 28 mar. 2026.

SÃO PAULO. Secretaria de Educação. *Currículo Paulista*: Etapa Ensino Médio. São Paulo: SEDUC, 2020b. Disponível em: https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/. Acesso em: 28 mar. 2026.

Entrevista realizada em: 09 mar. 2026.

Recebida em: 14 abr. 2026.
Aprovada em: 01 jun. 2026.

Revisor(a) de língua portuguesa: Camila de Fátima Rosa
Revisor(a) de língua inglesa: Bárbara Lopes Garcia de Souza Campos
Revisor(a) de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho

Licença CC BY 4.0